

POVO ALGARVIO

SEMÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua 1.º de Maio, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 10 Números . 5\$00 = Número avulso \$60

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINALS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

O Algarve cultural

O Circulo Cultural do Algarve, a que este jornal fez já largas e bem merecidas referências, até pela pena do seu ilustre Director, é uma organização que nasceu na altura própria, no lugar próprio e com uma finalidade que constituiu, embora a muitos talvez pareça que não, uma das mais imperiosas necessidades da Província. Nasceu na altura própria, porque neste momento em que, de norte a sul do país, se assiste a um bem notório, inequívoco e bastante sintomático renascimento se não cultural, pelo menos do gosto e do interesse pelos assuntos e realizações de carácter cultural, o nosso Algarve ficaria sem dúvida muito mal colocado no concerto das Províncias portuguesas não seguindo na esteira do resto do país; não seria já apenas uma Província que, entre outras, viveria alheada das coisas do espirito, não percebendo ou não querendo perceber a própria influência destas nas realizações materiais, mas sim a única Província em tais circunstâncias. Nasceu no lugar próprio porque, de entre as cidades algarvias, é Faro a que reúne todas ou o maior número de condições para uma realização de tal natureza, não apenas por ser a capital da Província, o que só por si pouco significaria, mas principalmente pelas suas tradições culturais—que as tem, embora os homens, nas últimas décadas, se tenham esquecido delas, empolgados por outras orientações... ou outros interesses—, por ali se haver reunido, nos acasos da vida, o mais numeroso grupo de reais valores algarvios residentes na Província, por em Faro terem sede os principais e mais elevados estabelecimentos de ensino do Algarve, que não podem deixar de ter influencia decisiva na criação de um «clima» cultural pela sua actividade docente e mesmo discente e ainda porque, encontrando-se aquela cidade no centro da nossa região, de mais fácil e rápido acesso é para os habitantes das restantes cidades e vilas. Finalmente satisfaz a uma das mais prementes necessidades algarvias porque...

Só quem, nestes últimos dez ou quinze anos, residiu em Lisboa e conviveu um pouco em certo meio, pode avaliar bem de tal necessidade. Porque só quem, assim, durante meses e anos, fez a ronda diária das Escolas Superiores, com passagem frequente pelas salas das Academias e sociedades culturais e teve a honra (por vezes, neste particular das coisas algarvias, não sem profundo desgosto) de ouvir mais de uma vez, fora da solenidade protocolar das conferências e discursos, a opinião de alguns vultos da intelectualidade nacional sobre o Algarve e os algarvios, conhece bem até que ponto a nossa Província estava, intelectualmente, desconhecida. Na própria Academia das Ciências, um dos seus mais ilustres sócios—o Dr. Mendes Correia—disse um dia que o Algarve é, das Províncias portuguesas, a de menores tendências intelectuais. A opinião depreciativa e ignorante do vulgo lisboeta de que os algarvios são física, moral e intelectualmente berberes e o Algarve é Marrocos, tinha e não sei se ainda tem a sua correspondente na alta roda intelectual e erudita...

Tal opinião, embora consagrada e fundamentada em alguns factos cujo significado real não se tem procurado, tomando-os só pelas aparências, era e é, evidentemente e pelo menos na maior parte, errónea e falha de alicerces seguros. Bastaria, creio eu, para o provar, citar os nomes dos algarvios que, desde sempre, se têm ilustrado nas artes, nas letras e nas ciências e cuja lista ocuparia muitas e muitas páginas; bastaria talvez, até, lembrar que a mais alta instituição cultural portuguesa é, de há muito, presidida por um algarvio. Mas algumas vezes, na Sociedade de Geografia de Lisboa, ouvi a altas individualidades opiniões pouco lisonjeiras para o Algarve e para os algarvios, em conversas entabuladas logo a seguir ou antes de sessões em que essas mesmas individualidades faziam o panegirico de portugueses ilustres... nascidos e criados no Algarve; e é este facto que mostra bem o erro da opinião desfavorável generalizada e indica simultaneamente os respectivos culpados.

O Algarve foi e é uma das Províncias que têm dado maior número de valores nacionais. Simplesmente esses valores, uma vez saídos e desligados materialmente da Província, desligam-se também dela espiritualmente, dispersam-se... e por vezes até se esquecem ou fazem mesmo por se esquecer de que são algarvios. Nunca nos seus escritos, nem nas suas palavras, nem na sua actividade—salvo honrosas excepções, que as há, sobretudo entre os poetas—se encontram mais referências claras ou simples reminiscências da sua origem algarvia. Enquanto os beirões e os açorianos, por exemplo, seja qual for a altura social ou intelectual ou artística a que cheguem e seja qual for o assunto de que tratam, nunca se esquecem, falando ou escrevendo, pintando ou esculpindo, como motivo de honra e de orgulho, de afirmar a sua qualidade de filhos da Beira ou naturais das Ilhas Atlânticas, os algarvios muito raramente o fazem. No belo discurso pronunciado em Faro, durante as Comemorações Centenárias, pelo Dr. Júlio Dantas, há um passo que, se não prova o que afirmo—e à primeira vista parecerá até que me desmente—, pelo menos é bastante sintomático e lido, meditado e cotejado com a obra do grande estilista, não deixa de me dar razão. É aquele em que o ilustre académico diz que a sua presença no Algarve significa o regresso do filho pródigo à terra natal, de que se afastou por motivos vários, que aponta, entre eles as suas tendências intelectuais; e todo o período tem o tom de um «mea culpa», dele se colhendo a única impressão de que o Presidente da Academia das Ciências, sentidamente ou apenas por decóro, se penitencia de até então andar esquecido de que é algarvio... embora afirme que sempre trouxe o Algarve no coração... E ainda não há muito tempo que um outro algarvio, não menos ilustre pelo nascimento, pelo saber e pelos elevados cargos a que justamente o guindaram os seus altos e incontestáveis méritos, dizia, em conversa com um amigo que lhe lembrara a sua origem algarvia: «Sabe, eu sempre que oiço falar de Algarve e algarvios, fico de pé atrás... E' certo que sou de lá; mas...»

Dispersos, isolados, desligados e esquecidos da sua terra e até em alguns casos envergonhando-se inexplicavelmente dela, todas essas altas individualidades são tidas e havidas e consagradas apenas como valores nacionais e nunca, simultaneamente, como valores algarvios.

A culpa, porém, não é apenas deles, diga-se em abono da verdade. Se eles vivem afastados do Algarve, a Província também pouco ou nada tem feito para os atrair e congregar à sua volta. Antes, talvez, tem feito afastar de si alguns valores que vão procurar, noutros horizontes e noutras convivências, o carinho, o aplauso e o entendimento que por aqui lhes são negados. E no entanto—estou, pelo menos, convencido disso—, embora esses valores vivam intencional ou inadvertidamente afastados da sua Província, se esta os atrairse e acarinhasse por qualquer forma, mas com a elevação necessária, eles voltariam ao menos espiritualmente à sua terra natal, ainda que mais não fosse por decóro intelectual e para não corresponderem com indelicadeza a uma solicitação feita em termos e circunstâncias que só os honrariam. E então, a sua actividade no campo nacional, repercutindo-se e reflectindo-se na vida da sua Província, já daria a esta lustre e fóros de região com tendências intelectuais! E a lenda desprestigiar acabaria de vez; e o Algarve deixaria de ser, para a Lisboa plebeia ou intelectual, uma região de meio-selvagens, para converter-se, senão numa Coimbra intelectual, pelo menos naquilo que realmente é!

Fazer esta obra necessária da congregação dos valores algarvios dispersos e alheados em volta da sua Província, será a finalidade última ou uma das finalidades do Circulo Cultural do Algarve? Creio que sim. E por isso afirmo que ele vinha exactamente satisfazer uma das mais prementes necessidades da nossa terra.

Antero Nobre

Antonio Pinheiro

Causou nesta cidade a maior sensação a noticia da morte de Antonio Pinheiro, o saudoso Mestre do Teatro Português e inclito filho da nossa cidade que nunca esquecerá.

Devido á hora tardia a que se tornou conhecido o falecimento é que não motivou aquele numero de telegramas e representações que se tornavam, assim, extemporaneos. Também pela forma como este jornal é composto e impresso, é que não damos no presente numero aquele relêvo especial que desejavamos, associando-nos ao luto que invade todos os que sentem a falta que Mestre Antonio Pinheiro fica fazendo. Como tavirenses não podemos esquecer o carinho, o verdadeiro amor com que o falecido se referia á terra que teve a honra de lhe ser berço.

Antonio Pinheiro bem merece que Tavira lhe preste as homenagens a que tem jus. Ao fim de uma luta que se prolongou por alguns anos, a Empresa de Espectaculos Tavirense honrou-se dando ao seu Teatro o nome do Tavirense ilustre que, grande entre os grandes actores portugueses, aqui viera presidir á sua inauguração.

Essa foi a contribuição particular. Porque não há-de a Câmara Municipal associar-se, mandando colocar na campa de Antonio Pinheiro uma lápide em nome da cidade de Tavira? Serviria até para quebrar aquele clima especial tão vulgar e tão arraigado de não se prestar a devida homenagem a tantos Tavirenses ilustres que, talvez pelo facto de o terem sido, jazem num esquecimento forçado sem coisa alguma a lembrá-los como filhos desta cidade.

PELA CIDADE

Té-Deum—Na igreja paroquial de S. Tiago, desta cidade, celebrou-se no passado dia 2 do corrente, um solene Té-Deum, cantado por um grupo de gentis senhoras, em acção de graças dos aniversários natalicio e da eleição de Sua Santidade o Papa.

A assistência enchia o vasto templo.

Carnaval—Para comemoração do Carnaval, realizam se hoje bailes no Teatro Popular, Sociedade Orfeónica e Clube Recreativo Tavirense.

Amanhã, 2.ª feira gorda, realiza-se um grandioso baile abrihantado por uma magnifica orquestra no Clube de Tavira.

Imagem do Santo Condestavel—Na Igreja de S.ª Maria do Castelo, pelas 11,30 horas, de hoje, realiza-se a Benção da Imagem do Santo Condestavel comprada por subscrição publica. Preside á cerimonia o sr. Preôr Antonio do Nascimento Patricio e a ela assistem as autoridades e outros elementos de representação da cidade, bem como a Legião e a Mocidade Portuguesa.

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmacia SIMPLICIO.

AS NOSSAS INICIATIVAS

A vida dos semanarios provincianos é sempre o producto de dedicações e amizades que aparecem e desaparecem para serem substituidas por outras, não porque haja transformações de qualidades mas sim porque há substituições de personalidades.

Não falando nos que permanecem com o encargo da direcção porque nesses então o que varia é o tempo disponível e as circunstâncias. E assim a vida destes jornaes é bem representada por uma linha quebrada.

Tudo isto vem a proposito de «As nossas iniciativas», titulo que abrange genericamente as novas secções que o nosso jornal vai criando, ainda que a iniciativa seja de origem individual diferente.

A serie de entrevistas «O Algarve visto por alguns algarvios de Lisboa», vai seguindo a sua rota brilhante. Os entrevistados correspondem bem e os entrevistadores vão procurando realizar a sua iniciativa o melhor possível.

Hoje temos nova secção a anunciar: «Grande concurso de Poetas Algarvios» da iniciativa de outro nosso colaborador, cujo nome é já bem conhecido pelo seu valor literario e intelectual. No proximo numero daremos mais amplos informes sobre o referido concurso que, estamos certos, vai despertar o maior interesse entre os nossos leitores.

Outra secção que anunciamos provocou a carta que há dois numeros inserimos, da autoria do nosso distinto colaborador sr. Dr. Mario Lyster Franco. Referimo-nos a «Subsidios para uma Bibliografia do Algarve».

Quando a anunciámos ignoravamos que este nosso presado amigo estivesse preparando trabalho semelhante e, muito menos, que a sua colectanea já

abrangesse o elevado numero de 3.000 especies. Felicitamo-lo calorosamente por essa obra que o honra e, quando publicada, certamente honrará o Algarve.

A nossa iniciativa partiu duma conversa rapida á partida duma caminheta em que, a proposito do Algarve e de Museus, um nosso querido amigo nos informou de que a Junta de Provincia do Algarve pensava ou já tinha principiado a formar uma Biblioteca de estudos e de escritos algarvios. Resolvemos então dar uma modestissima contribuição para esse trabalho fornecendo uma lista de estudos sobre o Algarve e de escritores algarvios e respectivas obras, sem preocupações de bibliografia mas apenas como subsidio para aquela iniciativa. E' com grande alegria que verificamos o facto de a Junta de Provincia do Algarve ir materializar, se assim se pode dizer, a iniciativa do sr. Dr. Mario Lyster Franco. Todos os algarvios devem ficar contentes e só desejamos que as duas iniciativas, a da Junta de Provincia e a do sr. Dr. Mario Lyster Franco se realizem conjuntamente, completando-se.

No proximo numero iniciaremos, pois, a publicação da nossa bem modesta achêga para os «Subsidios para uma Bibliografia do Algarve», de que não desistimos unicamente para que se não diga que nada tinhamos para publicar. Nada de novo, estamos certos, o nosso distinto colaborador e brilhante escritor e estudioso de assumptos algarvios nela irá encontrar.

Ainda que não pertencendo a esta serie, não queremos deixar de chamar a atenção e de dar todo o nosso mais inteiro aplauso ao «Apêlo a todas as escritoras portuguesas» que noutro lugar inserimos. Especialmente apelamos para as escritoras e poetisas algarvias e tantas elas são.

«O Algarve visto por alguns Algarvios»

Por nos ter chegado bastante atrasada, não podemos inserir neste numero, o que faremos no proximo, a entrevista com o brilhante desenhador e ilustrador Algarvio, Bernardo Marques, há bastantes anos residindo na Capital, onde creou um nome hoje já consagrado.

Os nossos prezados Redactores Pinto de Mesquita e Luis Bonifacio, vão realizando assim a sua iniciativa, cujo interesse já está assegurado pelas entrevistas publicadas, e que as futuras não desmentirão, bem pelo contrario.

DESASTRE

No dia 3 do corrente, pelas 15 horas e trinta minutos, quando procedia ao levantamento dum vagão de vinhos, na Estação dos Caminhos de Ferro desta cidade, ao prestar auxilio aos descarregadores, um dos cascos que resvalou passou por cima do sr. Francisco Martins Entrudo J.º, industrial de vinhos, desta cidade, que ficou em estado grave tendo sido recolhido a casa no carro da Corporação de Bombeiros.

Subscrição para a Imagem de D. Nuno Alvares Pereira

D. Raquel Celestino Matos, 5,000; Furriel Gióbio, 5,000; Capitão António Aboim Vila Lobos, 30,000; Anónimo, 5,000; Aurélio Mil Homens, 10,000; Dr. José Soares de Matos, 10,000.

Produzir e Poupar é salvar a economia portuguesa.

A Batata é a base da Alimentação em muitas regiões do nosso País.

Intensificar a sua cultura é imperiosa necessidade para que se possa corresponder ao consumo crescente deste tubérculo.

A escolha da semente é de fundamental importância para se obterem boas produções.

A semente pequena tem fracas reservas e não é aconselhável.

A semente muito grande encarece a sementeira sem garantia de melhor colheita.

A semente preferida deverá ter 40 a 70 gramas e nunca menos de 30.

CINZAS DO PASSADO

Jogos e Infancia

Bons ou maus, bonitos ou feios, poucos ou muitos, alguns foram os jogos que a tradição legara á infancia da nossa terra. Eram diversos e serviam bem a todos os «paladares». As idades dos jogadores regulavam a sua execução e, nessas condições, os mais novos divertiam-se ainda com certo passa-tempo de sua construção e com jogos mais fáceis de praticar, como fossem o «bolindro», o «botão», o «baracinho queimado» e o feijão».

Outras vezes conseguíamos certo material, como fosse um bocado de cana, um jornal, fio riço, um bocado de trapo e pediam bom vento; nada mais era preciso para pouco tempo depois ir encontrá-los de cabeça erguida e olhos postos no espaço, a admirarem o seu querido «pagaio». Em seguida vinha o «pião», a «tesourinha de amolar», o «ribaldeixe» e, para terminar, mais alguns faltam, entre eles um que, a muitos dos seus jogadores, dera tardes de glória! Metia campeão e a sua assistência, ainda que fraca, bem os sabia ovacionar e idade nenhuma dispensava o nosso querido «pagaio».

O jogo que usava já do seu campeão era, pois, o jogo da «bola», constituído por duas palhetas, duas bolas de ferro com o peso variavel de duzentas a oitocentas grammas cada uma e um aro de ferro colocado no terreno para dar livre entrada e saída ás bolas e conservar a nova frente, quando uma das bolas ainda que levemente lhe tivesse tocado, obrigando-o a mudar de direcção, com prejuizo ou beneficio do outro jogador, conforme a situação em que a sua bola já estava quando o aro se moveu.

Enfim, o jogo era bonito, embora não fosse aparatoso e muitos gostavam de o executar. Requeria certa agilidade, calculo e vivacidade; a escolha do terreno era sempre o mais difficil porque a mais leve ondulação, ás vezes quasi inapreciavel, era o suficiente para o mais pequeno desvio, por isso se jogava sempre em locais escolhidos.

Era um jogo muito nosso e tradicional, como nosso e tradicional é ainda certo habito que actualmente pomos em prática, sem que ainda tivesse sido posto ao canto dos esquecidos, como a bola que já dorme o sono das coisas despresadas.

Sabemos bem, e há muito, que os nossos jogos desapareceram, quando este abençoado cantinho ao sul do país, foi visitado por certo estrangeiro, portador dum código e mais regras de determinado jogo de origem estrangeira, como ele, e vinha ainda encarregado de o estabelecer logo em qualquer cidade, vila ou aldeia, caso fosse bem aceite. Recolhido, pois, entre nós com muito prazer e carinho, decorridos apenas dois ou tres dias, já o «Futebol» tinha a sua residencia no belo campo da Atalaia, onde o nosso visitante fez depois os seus cumprimentos de despedida e até hoje nunca mais o vimos.

Tavira foi sempre uma cidade onde em todas as épocas do ano nunca ali faltou qualquer coisa que a infancia não admirasse.

Umaz vezes a companhia acrobática, outras, acrobática-equestre; outras vezes o homem com as suas figuras de cera, o seu belo realejo e o seu «alguidar electrico» onde o pequenname, á hora da saída, lá ia colocar a sua mãosinha e recebia o choque com muito medo, mas pouco depois ouvia-se aquêle ai proveniente do susto!

As companhias vinham sempre regularmente bem compostas: um bom barrista; a menina do arame e a menina do cavallo; um «Faz-Tudo que não fazia nada» e sem faltarem os sempre apreciados voadores. Outras vezes ainda a «Formosa Galateia» vinha mais cedo e ali se conser-

Em Defesa do Consumidor

Foi proibida a saída do azeite do Algarve

E' grande a escassez de azeite com acidez legal (até 5 graus) e difficil a sua obtenção nos mercados productores, pelo que o Sr. Ministro da Economia autorizou o consumo de azeites com acidez até 10 graus e a lotação dos azeites algarvios de elevada gradação com óleo de amendoim.

O Govêrno Civil, de acôrdo com a Junta Nacional do Azeite, proibiu a saída do azeite existente no Algarve, enquanto não fór averiguada a existência de azeites regionais, susceptíveis de serem lotados.

As autoridades esperam que todos os produtores de azeite do Algarve se compenbrem dos seus deveres, colaborando com elas na solução de um problema grave e evitando tentativas de especulação e assambarcamento que, a darem-se, serão rigorosamente reprimidas.

Estão á prova a honestidade e o bairrismo de muitos algarvios e espera-se, mais uma vez, que será mantido o bom nome e o prestigio do Algarve.

Cultura da batata e do milho

Constando que certos especuladores estão desviando os lavradores algarvios de cultivar a batata e o milho, prometendo-lhes facilidades tentadoras na aquisição de pimentos, torna-se público que vai ser proibida a exportação de pimentão. Chama-se para o caso a atenção dos lavradores algarvios, para que não sejam envolvidos nas malhas dos processos a levantar contra os industriais de pimentão cujo procedimento é de pura especulação, dado o egoísmo com que procuram aumentar os seus lucros, sem contemplanção pelas difficuldades de abastecimento público de produtos de primeira necessidade.

Mudança da Hora

No próximo sábado, dia 13 do corrente, ás 11 horas da noite, os relógios serão adeantados uma hora.

O «Povo Algarvio» vende-se em Loulé, no Café Carioca.

vava alguns dias sem trabalhar e ainda depois de tudo isto ali nos aparecia o homem que fazia os pequenos barquinhos de vidro a côres e afinal tudo isto se apreciava conforme a tabela colocada á entrada de cada um dos locais onde se exibiam: Preços—Superior, 250—Cadeiras, 200—Geral, 100—Crianças e militares sem gradação, 50 reis. O preço dos barquinhos já todos sabiam que se pagavam a 25 reis cada um.

As casas estavam sempre com a lotação completa, e não menos completa estava a lotação da estalagem da tia Luiza, ali á Porta-Nova, junto a um chafariz que ainda vimos com agua e já mais tarde abandonado por muitos anos, como abandonados foram os nossos jogos que de bem remotas eras eles vinham já.

Deixae pois que, entre nós, o seu substituto continue nessa vertiginosa carreira de aplausos, ouvindo com agrado a multidão delirante enquanto nós, os velhos, vamos procurar êsse lúgubre lugar onde se encontra hoje o nosso antigo aro que tanto arrelhou o espirito do falecido zelador da Camara, o nosso amigo Henrique, o «Má-cara», porque contra o jogo existia uma postura camarária—não abrir buracos na via publica sem a respectiva licença—e assim era. Por isso vamos dizer ao nosso querido aro que regresse porque aquella postura ha muito que ficou sem efeito.

Antonio Joaquim Faria

Apêlo a todas as escritoras portuguesas

Camaradas! Queria que este artigo, ao chegar-vos as mãos, fôsse compreendido, pois a vós me dirijo, mulheres intellectuais do meu País, que viveis dispersas pelas nossas terras tendo, como eu, um sonho inatingivel de Poesia e Ideal, flôres preciosas dêste grande jardim que é o nosso Portugal.

E como impossivel seria procurar num canteiro enorme, num canteiro que abrangesse a nossa Pátria, em pleno Maio florido, entre a grama amalgamada da incompreensão e do cepticismo, as mais lindas flôres que desabrochassem viçosas entre urtigas e urzes, assim também temos em vão lutado com a falta de dados necessários para nos dirigirmos a vós, escondidas por essas provincias distantes, muitas injustamente ignoradas ou esquecidas.

E digo—temos—porque a ousada mas realizavel idéa da formação desse livro maravilhoso «A biobibliografia das mulheres portuguesas contemporâneas»—onde se entrecarão os melhores trabalhos das escritoras das nossas terras, as melhores criticas aos seus livros, se as tiverem, a sua biografia o mais completa e actualizada possível,—não me pertence—só dela sou uma pequena e humilde coadjudadora. Devêmo-la ao meu camarada, amigo e comprovinciano Ciriaco Trindade, que com uma dedicação e uma paciência extraordinárias, tem conseguido realizar, até hoje com bom exito, esta difficil missão. E conquanto em seu poder já tenha bastantes questionários preenchidos que lhes permitem organizar o «dossier» de cada uma das escritoras que têm compreendido o seu desejo, o trabalho será improfiuquo, se vós não acorderdes ao meu apêlo, escritoras que me lêdes.

A obra—uma obra de vulto e de valor—é nossa, fala de nós, trata de nós, perfilha o nosso Ideal. Se trabalharmos para ella—trabalharemos para nós. Não se trata da obra grandiosa preparada pelo illustre algarvio e distinto publicista Dr. Lyster Franco; não se assemelha a uma outra que Belarmino Pedro, digno director da «Tribuna Literária» e do «Figueirense» pertence a realizar; nem sequer se parece ou entrava a que sabiamente D. Maria de Carvalho—escritora de méritos invulgares—compila com interesse. E diferente, é outra, onde só apparecem nomes de mulher, escritos de mulher, pensamentos de mulher. E', por assim dizer, o coração de nós todas estampado em papel, o nosso sonho lindo feito realidade, a nossa alma correndo mundo, entrando em todos os lares, levando a tôda gente um pouco do nosso Ideal, a espiritualidade do nosso ser, a beleza moral do nosso coração.

Não vos menti, portanto, dizendo que a obra é nossa.

O vosso auxilio, pois, camaradas. O pouco que vos peço—é muito para quem tem de consultar catalogos, jornais e revistas, percorrer redacções e bibliotecas, copiar critica, rebuscar e compilar textos—é o vosso nome e morada. Mandem-mo logo que leiam este artigo. Preciso de vos enviar uma circular explicativa, que vos dirá melhor o que quiz dizer-vos, um questionário que urge ser preenchido—e não sei onde vos encontrais, perdidas flôres, escondidas violetas dos jardins floridos das terras de Portugal. Não hesiteis. Não julgueis os vossos escritos, por muito humildes que sejam, indignos de figurar nessa formosa obra. Todos os grandes começaram como nós, incertamente, nesse caminho de surpresa que é o da Poesia e da Prosa.

Grandes e pequenas escritoras portuguesas—posso contar convosco? Posso—eu sei. De amanhã em diante esperarei um cartão de cada uma de vós, que

"FERRO AO FUNDO"

A revista «Ferro ao Fundo» original de Sebastião Leiria, com música, 17 números, também do autor e do Maestro Herculano Rocha, subiu á cena nos dias 25 e 26 do mês passado no Teatro António Pinheiro de Tavira.

O grupo de rapazes que levaram a efeito este espectáculo, e a Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, que colaborou, merecem aplausos, tendo em vista o fim a obter com a receita.

Pena foi que o publico não tivesse correspondido melhor á intenção do espectáculo.

A revista falta-lhe equilibrio. O género revista, é preciso que se saiba, sendo de fácil realização, é porém, trabalho difficil, pela tarefa espinhosa de se conseguir ritmo e harmonia á diversidade de quadros que a compõem. Quadros de rua, de fantasia, de comédia, cortinas, com a sua côrte de números diversos e de sabôr popular, quasi sempre, devem ser submetidos a uma ordem e sistematização.

A Sebastião Leiria, rapaz de invulgares qualidades e transbordante de sensibilidade, falta-lhe porém, saber arrumar com ordem a variedade dos números que compõem a sua revista.

A prática e sobretudo a assistência a trabalhos do género, devem-lhe corrigir este defeito, se lhe podemos chamar assim.

E esta deficiência faz-se também sentir nos motivos dos seus números.

A revista não foi criada para dizer mal, nem mesmo quando quizermos criticar.

A critica serve sómente para dizer a verdade.

Bem ou mal, conforme a verdade.

Agarrar em meia duzia de defeitos, fazer dêsses defeitos piadas, e pôr cá fora uma revista é facil. O defeito pode ser criticado, mas com espirito.

Se submetermos um defeito a uma tarefa de comentários dêste o principio ao fim de um espectáculo, o publico cansa-se e não tem graça.

E isto succedeu na revista—«Ferro ao Fundo».

Se me é permitido vou até mais longe.

Há que esconder certos defeitos, aqueles que perante nós e todos, nos fazem diminuir.

Os «artistas» desempenharam como puderam e souberam os seus papeis.

Muitas deficiências como era de esperar entre amadores.

Sem melindre destacaremos Walter Garrana no papel de espanhol.

Joaquim Teixeira no compêre, em substituição, João Carvalho, Alberto Cardoso, Luis Arnêdo, João Aboim, Augusto Chanoca, salientaram-se.

Depois de rabiscar estas linhas, tive conhecimento de que se pretendia levar em Faro, Olhão e Vila Real de Santo António, o mesmo espectáculo.

Há coisas que só servem para a nossa casa. E este espectáculo está nesse numero.

Aqui fica o consêlho.

Tavira, 3-11-943.

Eduardo Mansinho

Grafonola

Tipo antigo em bom estado, vende-se.

Nesta Redacção se informa.

Charret

Compra-se, em bom uso.

Nesta Redacção se informa.

será bemvindo, que terá o meu sincero agradecimento e será a melhor prova de que sois escritoras e portuguesas.

Lisboa e Largo do Calvário 12 5.º Esq.

Março de 1943

Marisabel Xavier Fogaça

"CASTIGAR OS QUE ERRAM"

«Tudo o que é nacional é nosso»—quere dizer: tudo o que presente, verdadeiramente, um valor positivo no quadro das actividades nacionais tem para nós um interesse que é independente de outras considerações que não sejam as do engrandecimento progressivo da Nação.

Por isso nos proclamamos, com inteira razão, anti partidários: contra a ideia de partido—seja elle qual fór—contra a ideia de grupo restrito. A Revolução Nacional não se fez para entregar o poder a um partido, em detrimento de outros; a nossa ambição é mais vasta, os nossos fins mais elevados. Nós arrancamos o poder a uma fracção para o conferir ao país; o nosso fim não é o de um triunfo efémero e passageiro, mas o de uma vitória permanente da Nação.

Para tarefa de tal grandeza «todos nós somos demais». Assim—coerentes com as nossas ideias—aceitamos tôdas as colaborações, com a única condição de que sejam bem intencionadas. Sublinhe-se: bem intencionadas. Nem todos, infelizmente, perceberam o alcance da acção para que eram requeridos. E perante a nossa coragem de coerência não foram capazes da coragem de compreensão que lhe deveria corresponder.

Levaram—êsses pobres invertebrados—mais longe ainda o seu erro e não viram que a magnitude da empresa exigia força; não acreditaram, sequer, que nós a tivéssemos e estivessemos dispostos a usá-la para integralmente realizar-mos Portugal. Pagam-se caro êstes erros; confundir a generosidade com a fraqueza, a força com a impertinência, a coragem com a jactância—tem um simples nome: estupidez. Se esta, ainda por cima, é de má fé—está condenada a tôdas as derrotas.

Tal é a «brilhante perspectiva» que espera a actividade dêsses portugueses degenerados ao serviço do estrangeiro, cuja presença foi buscamente lembrada aos eternos desmemoriados pela recente publicação da «prancha» maçónica.

Que nós não acusem de hipocrisia ou duplicidade. A nossa attitude é clara e não favorece dúbidas: realizámos uma Revolução Nacional (note-se bem—Nacional); para a levarmos aos seus fins passaremos implacavelmente por sobre todos os obstáculos e, assim como aproveitaremos tudo o que constitua um valor nacional, destruiremos sem piedade a traição e a má fé dos que se atravessaram na marcha ascensional da Nação.

COMARCA DE TAVIRA

Anuncio

Faz-se saber que foi distribuida no Tribunal Judicial desta Comarca, e segue seus termos pela primeira Secção, uma Acção de interdição por demencia contra Manuel da Palma, também conhecido por Manuel dos Reis, viuvo, proprietario, residente no Val de Catraia, freguesia de Cachopo desta Comarca.

Tavira, 1 de Março de 1943

O Copista encarregado da 1.ª Secção

Walter Oscar Fernandes Garrano

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Luiz Pinto

O «Povo Algarvio» vende-se, em Tavira, na Tabacaria Santos.

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—D. Cezaltina Drago Padinha Barão.
Em 8—D. Amélia das Dores Costa Pires e sr. José Augusto dos Reis Junior.
Em 9—Sr. Alfredo Pires Faleiro Junior.
Em 10—Sr. José Judice Leote Cavaco.
Em 11—D. Lucina Carvalho Peres Cansado e D. Marta Aline Garrana Neto.
Em 13—D. Elisa da Costa e D. Maria do Carmo Guerreiro Domingues.

Partidas e chegadas

Regressou da Serra da Estrela, o nosso particular amigo sr. dr. Miguel da Silva Moraes Simão, distinto clínico desta cidade.

—Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade, o sr. dr. Campos Palerm, nosso prezado correspondente em Cacela.

—No goso de alguns dias de licença partiu para Lisboa o sr. Joaquim Rodrigues da Avó, digníssimo Chefe da Secção de Finanças do concelho de Tavira.

—De visita a sua família encontra-se entre nós o sr. Eugénio Pires Soares, guarda-livros do Gremio da Lavoura do Cadaval.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso dando á luz uma interessante criança do sexo feminino, a esposa do nosso prezado assinante sr. Francisco Martins Pereira, industrial desta cidade.

Os nossos parabéns.

Teatro ANTONIO PINHEIRO

Há ordens rigorosas no sentido de evitar que se atirem objectos contundentes durante os dias de Carnaval, no Teatro António Pinheiro.

Desnecessário se torna avisar as meninas e pessoas engraçadas que não podem levar para o Teatro, bolsas de grãos, ervas, etc..

Limitem-se pois a ver socegaadamente a passagem das fitas o que já não é pouco na época que atravessamos.

VENDE-SE

Um aparelho de T. S. F. marca Philips, para corrente alterna, em estado novo.

Nesta Redacção se informa.

VIDA DESPORTIVA

Campeonato Nacional de Futebol (2.ª divisão)

EM LOULÉ

LOULETANO, 2=OLHANENSE, (R.) 2

Para os bons desportistas louletanos

Loulé—a vila que é uma cidade—pela importancia da sua grandeza tem já a uma posição desportiva compativel com a valorisação progressiva das suas multiplas actividades.

Sendo o progresso uma riqueza da intelligencia o desporto regado e bem conduzido é o gineasta dessa riqueza.

Na actualidade desportiva mundial para além das palavras existe a acção; os factos consumados sobrepoem-se á tese argumentadora; na vitalidade dos povos e no seu valor racico têm de entrar em preponderante linha de conta a educação fisica.

«O grande papel da preparação da juventude é, sobretudo, ensinar a viver. O defeito do português é não saber viver—nem muscularmente, pelo culto da saúde, nem moralmente, pelo respeito das próprias obrigações e dos direitos alheios.»

«É preciso dar, primeiro, á juventude a noção de que é na solidéz dos seus pulmões, dos seus rins, do seu cérebro que ela criará o prazer da vida—e o encanto de a viver com saúde, com claridade, com futuro. É mister varrer do espirito juvenil esta ideia, quasi nacional, da doença e da catastrophe, da bronquite e do ridiculo que constitue a sociabilidade olheirista, rabujenta, tímida e noiva do sepulcro das nossas classes superiores.»

Dois periodos insertos no brilhante artigo de fundo do «Diário de Noticias» de 2 do corrente e que com a devida vénia transcrevemos a propósito do que vamos escrevendo.

Da realidade pouco resta á teoria, na vida das nações desportivas. Os dirigentes de paizes em que essa coisa sempre viva e que jámais parará, o progresso, sentindo a necessidade imperio-

sa de dar acolhimento carinhoso ao desporto complementar e essencial na vida das suas nações, criaram, para o dirigir e orientar, legislação regulamentar e fiscalizadora em que o Estado passa a ter interferencia directa nas suas diferentes actividades desportivas. Tem a Italia, a Alemanha, a Espanha, o Japão, França e Portugal, ministérios da Educação fisica, Sub-secretariados, Direcções Gerais ou Commissários Nacionais de Desporto.

Loulé tem um Estadio, o da Campina, brinde valioso da Camara Municipal e que representa, para nós, o melhor campo desportivo do Algarve.

—Têm os desportistas louletanos correspondido com o entusiasmo próprio da gralidão ao valor representativo da oferta?

Pois se não o tem, ainda estão a tempo de resgatarem com brio e dignidade essa honrosa divida de gralidão.

É preciso sair-se do marasmo em que o meio desportivo louletano tem vivido. Se não existem adeptos e entusiastas é preciso estimulá-los; se não existem praticantes é preciso criá-los através da radiante mocidade que pulula nas ruas da vila com bolas de trapo, enfileirando-os com carinhoso acolhimento na preparação de equipas de juniores, que serão amanhã os entusiastas animadores das equipas louletanas.

Aos jogadores de hoje cabe a responsabilidade de, além de estimularem briosamente os «supporters» do Louletano, com jogos pletóricos de energia e vibração como o de domingo passado, serem os pioneiros gloriosos que arrastarão para os campos da bola os novos jogadores de amanhã.

Os detractores não contam nem podem ter lugar nas reivindicações desportivas dos bons louletanos.

Como amor á causa desportiva, pelo bom ideal que a ela têm consagrado, é necessário encontrar—como dirigentes—outros Bexigas e—como jogadores—uns quantos Litas Calcinhas. Descobertos eles o futebol louletano singrará, estamos certos, ns satisfação plena dos seus 55.000 habitantes.

Na primeira parte o Louletano dominou mais do que o resultado conseguido: 2-1

As equipas alinharam: Louletano—José da Horta; José Ma-

ria e João Barros; Marcos, Labisa e Pires Coelho; Bengala, Lita, Borrela, Augusto e Vairinhos.

Olhanense—Pião; Lazaro e Cezar; Iria, J. Ramos e Sacramento; Armento, Laborinho, Soares, José Maria e Euzebio.

Arbitro de Faro. Com o vento a favor, que soprava forte, os louletanos numa toada energica e vibrante de velocidade e engodo pela baliza conseguiram terminar o primeiro tempo com o resultado a seu favor de 2-1.

O Olhanense que é de facto um perigoso pretendente ao titulo da sua série, viu-se em embarços para suster as avançadas consecutivas dos louletanos que neste primeiro tempo jogaram sobre a rede com grande entusiasmo. A bola, que muitas vezes tomava efeitos caprichosos, devido á ventania, era difícil de dominar, pelo que a defeza do Olhanense teve de multiplicar-se em energias para evitar que o score, que chegou a 2-0, fosse aumentado. A defeza louletana, que se conservava adiantada demais no terreno devido ao dominio sempre crescente dos avançados, foi, apoz um deslize de colocação, batida em velocidade por um adversario que se apresentou diante do guarda-redes numa fuga impressionante e pode colocar o esférico no melhor sitio. Este «goal» contra a corrente do jogo marcado no final deste tempo, decepcionou um pouco a vivacidade dos visitados.

O resultado deste tempo não se ajusta bem ao dominio exercido pelos louletanos, que tiveram um bom adversario na trave, e na antecipação que o vento dava á bola, sempre difícil de segurar e dominar.

Um segundo tempo de autentica final de campeonato

Neste meio tempo com o vento contra, supunha-se, dentro e fora do rectangulo, que o louletano succumbiria por margem folgada de pontos. Estes, porem, fazendo gala de um entusiasmo vulgar, dando luta sem tréguas na defesa estrema e ainda nos «raids» sempre perigosos do seu ataque, especialmente logo no reatamento de jogo em que perderam duas excelentes oportunidades de transformar, uma delas por deficiencia de passe do extremo direito ao avançado-centro que se apresentou em ótimas condições de o receber e outra por excelente estirada do guarda-redes do Olhanense, até ao ultimo minuto, num esforço digno de elogio, deram a sensação de que não perderiam este encontro.

A defeza numa tarde acertadissima, com os «backs» sempre em excelente colocação e o guarda-redes numa tarde em que toda a atenção era pouca para a velocidade que o vento imprimia á bola, foram os elementos mais em evidencia neste tempo.

Um lance infeliz concede o «goal» do empate para o Olhanense, no penultimo minuto de jogo

O primeiro ponto do Louletano foi obtido na transformação duma penalidade maxima, bem marcada pelo guarda-redes José da Horta.

O segundo, o mais espectacular lance do jogo, foi marcado depois de tres «shots» á balisa. O interior direito, Lita arrancando bem o pontapé não conseguiu marcar devido á defeza impressionante do guarda-redes que defende para perto e em segunda recarga forte do

Pela Província

Villa Nova de Cacela

Casamento—Foi pedida em casamento, pelo sr. Domingos Antunes Madeira, agricultor, e actual Presidente da Junta de Freguesia, a menina Maria Natália Tamissa, gentilissima filha do nosso estimado assinante, sr. José Guerreiro Tamissa, importante comerciante e agricultor, ajudante do Registo Civil desta localidade.

Aniversario—No dia 2 do corrente, marcou mais um, o nosso prezado amigo sr. João Rodrigues da Conceição, estimado comerciante de Cacela.

Manuel João Correia—Este nosso estimado assinante, que durante muitos anos exerceu o cargo de Chefe da Estação do Caminho de Ferro local, aposentou-se e vai fixar residencia em Olhão.

Desajamos-lhe muitas felicidades.

Falta de sabão—Há tres meses—Dezembro de 1942, Janeiro e Fevereiro de 1943—que o comércio de Cacela não recebe sabão.

É grande esta falta, principalmente porque colide com a hygiene.—E.

Conceição de Tavira

No dia 25 do mês de Fevereiro findo, esteve de visita á Casa do Povo desta localidade a fim de tomar conhecimento do estado das obras que esta instituição está a levar a efeito no seu edificio-sede, o Ex.º Sr. Dr. Alberto Maria Ribeiro de Meirelles, illustre Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência Social deste distrito.—E.

Anunciar no "Povo Algarvio" é ter a certeza de exito

avanzado-centro a bola batendo num adversario volta novamente ao terreno e o extremo esquerdo Vairinhos na terceira recarga de cabeça consegue marcar o ponto depois de um adversario lhe ter ainda tocado com a mão e que o arbitro, muito bem, resolve não marcar.

O segundo do Olhanense, foi precedido duma penalidade maxima quando faltavam dois minutos para terminar o encontro.

Na tentativa de defeza duma bola alta na grande area Lita saltando juntamente com um colega, foi impulsionado a levantar o braço para evitar queda, no encontro com este, e involuntariamente toca com a mão na bola.

Foi um lance de verdadeiro desespero para quem o cometeu e de enorme decepção para a assistência, quando faltava dois minutos para terminar um encontro que o Louletano podia e merecia ter ganho, pela boa vontade e grande entusiasmo com que estava defendendo o resultado feito na primeira parte.

As linhas que o Louletano apresentou devem ser, com algumas pequenas modificações, a futura equipa deste club e a melhor, possivelmente, apresentada até agora. Todos os jogadores cumpriram o melhor possível. De entre todos, porém, merecem evidencia pela sua regularidade, José Maria, Pires Coelho, Augusto Marcos e Lita. João Barros e José da Horta esplendidos na 2.ª parte em que tiveram trabalho farto.

Borrela, avanzado tipo Peyroteo, quando mais treinado deve satisfazer o lugar. Bengala, o treinador da equipa, foi um bom orientador do ataque.

Do Olhanense agradou-nos pelo seu destaque Pião, Cezar e Laborinho. Arbitragem muito regular.

Ferreira Torres

N.º 3 POVO ALGARVIO 7-3-43

Duas velhas tias

Conto por CELESTE BASTOS GUERRA

Num instante, o gelo funde-se. Conversam os três. E Rosette exclama numa expansão sincera de entusiasmo:

—Que lindo sitio este, minha Tia! Que campos mimosos estes, tão cheios de verdura e flores! E a vista do mar, então?! Vim sempre debruçada da janela, desde a outra estação até aqui.

—Gostas, Rosette? Mas olha que não tens as distracções de Lisboa...

Oh, Tia! Distracções! Do collegio só saía aos domingos e, mesmo assim, eu não...

Sinal de partida.

—Aqui lhe deixo minha filha, minha boa Suzana. Tem de ter paciência para a aturar por tempos. Mas, acredite, ela está bem educada—e o official, fazendo em seguida as suas últimas recomendações a Rosette, despede-se co-

Um silvo estridente: o combóio entra na gare.

Saltam em terra dois viajantes: um official de uniforme, feições fatigadas, têmporas grisalhas; uma figurinha graciosa, doze anos, quando muito—formas indecisas, riso pronto, rosto mimoso, emoldurado por cabelos louros entrançados, a contornarem á moda uma airosa cabeça.

O aviador encanecido fala cortêsmente, mas com fria reserva, á boa Suzana—o Tempo, mais que o Espaço, cavara distâncias... Depois, apresenta a filha, a sua Rosette, carinhoso diminutivo francês com que era tratada pela Mãe, e êle adoptara—esclarece.

—Tenho muito gôsto em a conhecer, minha Tia. Estava desejando chegar! O combóio vinha tão ronceroi... —e Rosette beija a simpática Suzana.

movido e segue para o seu destino—Base Aérea de...

Na gare ficam uma senhora idosa e uma rapariguinha, que são, sem o saberem, as intérpretes dum romance «vivido», feito do encontro de duas vidas—uma cheia de ilusões, outra buscando-as de novo...

Um mundo ignorado de ternura revive na consciência, da velha tia. Quem o têz reviver? Uma sobrinha? Talvez não. Mas antes a inocência, personificada numa rapariguinha, que, sem culpa dos erros dos pais, vinha até Suzana redimi-los.

A charrette leva-as pela estrada soalheira, á beira-mar; uma brisa suave, fazendo curvar mais as pobres peninhas do chapéu de Suzana, brinca puerilmente com os louros anéis da bela cabeleira de Rosette. Esta, já familiar, vai conversando pelo caminho, querendo saber o nome das árvores, que por vezes fazem alas á sua passagem; dos lugares pitorescos por onde vai—curiosa viajante...

E Marta? Ficará á espera, na varanda.

Aquêle azedume, que ameaçava extravazar, até então, da sua alma encarquilhada cede o passo a uma grande serenidade. Ao sentir o rodar da charrette, afigura-se-lhe que uma fada desconhecida entrava naquela casa, a espargir, ás mãos cheias, benesses duma infinita doçura. Na fria máscara de Marta há lampejos indiscretos de emoção; mas—orgulho indomável!—não quer mostrar-se fraca e, com a mesma aparência rígida, aguarda, no alto das escadas de pedra, a entrada da desejada visitante.

—Boas tardes, minha Tia!—é Rosette que sobe, com a sua malinha de mão.

Depois, abraçando, sorridente, quem a espera:

—Estou tão contente por vir passar uns tempos na companhia de minhas Tias! Tinha tanta pena de não conhecer ninguém da minha familia!...

—Ainda bem, menina, ainda bem que estás contente por teres vindo. Mas... tu não conheces nenhum dos teus parentes francezes da familia de tua mãe?—e a austera senhora franze as sobrançelas, desconfiada.

—Não, Tia Marta. Nunca mais ninguém deu noticias da França Ocupada... Com a guerra... Deixa lá, pequena; hás-de gostar da tua familia portuguesa. Este sitio tem belos passeios. Aí agora reparo! Gertrudes! O Gertrudes! Leva a mala da menina para o andar de cima, para o quarto das rosas-trepadeiras.

E a boa Marta anda, solícita, dum lado para o outro, chamando a criadinha, que acode do quintal.

Muito obrigada, querida Tia. Não é preciso; eu mesmo levo a minha malinha.

—Não, não, a Gertrudes vai contigo. Vai descansar um bocadinho até ao jantar.

Rosette entra no quarto florido e acolhedor. Ficando só, saboreia melhor as agradáveis impressões da chegada, tão vibrantes e espontâneas na sua idade. A tudo acha graça, tudo a encanta nesta casa: as pessoas e as cousas.

(Continua)

Vende-se

«Victoria» com arreios, em estado novo.

Dirigir-se a João da Costa Pereira, Avenida — Olhão.

Cunha & Dias, L.^{da}

8-RUA DA LIBERDADE-10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fostoreira Portuguesa
Venda de tabaco e fósforos
aos melhores preços
Condições especiais
para revendedores

Vende-se

Um piano marca Ronisch todo armado em ferro.

Nesta Redacção se informa.

Aparelhos de T. S. F.

LINDOS MODELOS

OTIMA SONORIDADE

1943

Para corrente alterna contínua e baterias

As ultimas novidades de rádio

VENDAS A PRESTAÇÕES

CONSULTE:

Francisco Padinha Raimundo

Rua do Poço do Bispo, 10 — TAVIRA

**Companhia de Pescarias
Balsense no Algarve**

Arrendam-se as vendas dos arraiaes das armações «Abobora» e «Livramento».

As respectivas condições encontram-se patentes no seu escritório.

Morada de Casas

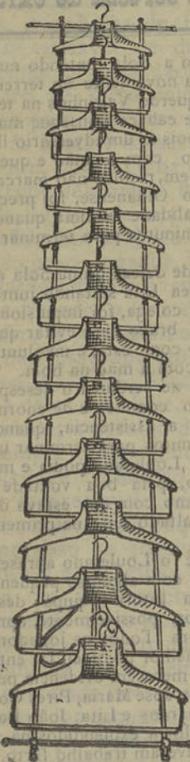
Na Rua da Porta Nova, com varios compartimentos, duas cavalariças, palheiro, alpendre e quintal, vende-se — Francisco Mendes Molina—Tavira.

CASA

De bom rendimento, vende-se na Rua Tenente Couto n.º 8, 10 e 12, composta de 1.º andar, r/c e quintal com poço.

Prestam-se informações—R. Tenente Couto n.º 15—Tavira.

Aceitam-se propostas—Estrada da Ameixoeira n.º 127—Lisboa N.

CABIDE MANEQUIM

Quem gosta de vestir com elegancia e quem preza o dinheiro que um fato lhe custa

Compra um
Cabide Manequim

Estes cabides são feitos e escolhidos por medida. Em presença deste ótimo cabide desaparecem as cruzetas que produzem defeitos incorrigíveis e deformações nos fatos.

Modelos à escolha encontra V. Ex.^a no estabelecimento de:

José Maria do Nascimento

Rua 1.º de Maio, 1 a 5

TAVIRA**Dr. Manuel Guerreiro Pereira**

MÉDICO - ESPECIALISTA

Orgãos urinários e sexuais
HEMORROIDAS
DIATERMIA

Consultório

Rua de Santo António, 32-1.º

Telefone 57 Residência

Largo de S. Sebastião, 15

FARO**CARLOS PICOITO**

ADVOGADO

Largo do Pé da Cruz, 4

FARO

Consultas em Tavira às quintas feiras, no escritório do solicitador Carmo Peres

Dr. Jorge Correia

CLINICA GERAL

Rua da Porta Nova

TAVIRA

Consultas todos os dias das 15 ás 17 horas

Sacaria

Vende 300 para Carvão.

Manuel P. Mateus—Tavira.

Atenção!!!...

Trabalhos Tipográficos

e Carimbos de Borracha

com perfeição e

rapidez, só na

TIPOGRAFIA SOGORRO

FABRICA DE CARIMBOS

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Espingardaria "ALGARVE"**TAVIRA**

A maior casa importadora de Armas de Caça

Especialidade em Espingardas de Luxo

Sensível diferença de preços em qualquer modelo

José Viegas Mansinho**VALENTIM**

ALFAIATE-MERCADOR

Sempre as ultimas novidades em Lanificios

Largo da Praça-TAVIRA

PROPRIETARIOS:

Valorizai as vossas terras

PLANTANDO ARVORES DE FRUTOS

dos mais acreditados e melhores viveiros da

QUINTA DA TAPADAde **GEIRA** — (COIMBRA)

cujos proprietários Luiz Simões Leal & C.^a, fornecem com prontidão e seriedade, das melhores qualidades, por intermédio do seu representante em Tavira:

José Damião Neto

Rua Paio Peres Correia, 8—TAVIRA

a quem devem apresentar os seus pedidos que serão bem e prontamente atendidos.

Quereis fazer bons negócios?

Anúnciá no semanário regionalista

"Povo Algarvio"**VENDE-SE**

Um CARRO e MUAR.

Tratar com José Gonçalo — Tavira.

J. A. Pacheco**TAVIRA**

Fábrica de farinhas espoadas

A maior e mais completa do Algarve. Fabrico esmerado como o atestam as suas esplendidas farinhas e as suas sementes sem rival.

Fábrica de farinhas em rama

Uma das maiores do País e com moderna aparelhagem, produzindo as suas tão acreditadas farinhas em rama.

PADARIA

A maior da Província com amassadeiras mecánicas, Escrupulosa fabricação.

Os produtos das fábricas

J. A. Pacheco

teem a garantia duma fabricação cuidada em maquinaria moderna e aperfeiçoada.